

Evaristo Eduardo de Miranda
Pesquisador da Embrapa, autor do
livro *Sábios Fariseus - Reparar uma
injustiça*, pelas Edições Loyola.



Princípio de Humanidade

O Tribunal de Nuremberg julgou e condenou os médicos nazistas que praticaram o eugenismo¹. Ainda sob o impacto do Holocausto nos campos de concentração nazistas, a sentença do Tribunal foi acompanhada de uma declaração onde proclamava-se a indivisibilidade da pessoa humana. Não existem graus de humanidade. Não existem pessoas mais humanas ou menos humanas. Nem sub-homens, nem super-homens, inferiores ou superiores. O princípio de humanidade é um só e irredutível: o mendigo é tão humano quanto o príncipe. Um deficiente mental é tão humano quanto um prêmio Nobel de Física. Ninguém pode definir ou decidir se a vida de outra pessoa vale ou não a pena

de ser vivida ou se é inferior ou superior a de outra pessoa.

Paradoxo de nossos dias, 60 anos depois dos campos de concentração, nunca se defendeu e se desrespeitou tanto o princípio de humanidade. De um lado, consciência e mobilização sem precedentes pelos direitos humanos: defesa de minorias, homossexuais, índios... Busca-se implantar a democracia em todos países. Cria-se até um tribunal e uma legislação internacional para julgar crimes contra a pessoa humana, onde quer que tenham sido cometidos. Ao mesmo

tempo, nunca o princípio de humanidade foi tão ameaçado.

Atacado pela mercantilização da vida e da procriação; pelo patenteamento do vivente; pela manipulação genética de inspiração comercial; pela fome, miséria e violência, cada vez mais enraizadas em todo o planeta; por

Não existem graus de humanidade. Não existem pessoas mais humanas ou menos humanas. Nem sub-homens, nem super-homens, inferiores ou superiores.

desigualdades sociais e econômicas crescentes e globalizadas; pela eutanásia e por um cientismo² que prega abertamente o eugenismo.

Os avanços da ciência removeram muitas fronteiras tidas como seguras para a definição do próprio ser humano. O que nos diferenciava dos animais em parte desapareceu. A etologia revela animais capazes de fabricar instrumentos e ensinar novas gerações, algo que acreditávamos exclusividade humana. Os animais são capazes de linguagem, altruísmo, cultura e fala-se até de proto-religião no caso dos chimpanzés. O que é o próprio do homem? Ele sempre teve de posicionar-se diante de sua animalidade. O tema é antigo e vem desde os gregos, Santo



Agostinho... Há muito tempo o humano negocia sua animalidade/humanidade e sua diferenciação do mundo animal.

Duas dimensões, muito simplificada, fundam o humano: o de limite e o vínculo. O humano é capaz de autolimitar-se de forma estruturante. Um pai não faz sexo com sua filha. O humano proíbe o incesto. Isso, por um exemplo, é um eixo estruturante de nossa humanidade, face à

Cabe à sociedade definir a ciência e as pesquisas que quer.

Leis divinas, inscritas no ser profundo de cada um, clamam na defesa de nossa humanidade.

Essa voz deve ser ouvida.

animalidade. Essa limitação, como tantas outras ontologicamente instaladas no humano (Lei de Deus), também tem a ver com a noção de vínculo. Não sou filho do nada. Tenho ascendentes e descendentes. Alguns psicanalistas chamam esse vínculo de inserção genealógica, sem a qual perde-se a identidade humana. Herda-se das gerações passadas a vida individual, no sentido genético, e também a vida social. A linguagem é talvez um dos exemplos mais claros dessa vinculação relacional que nos faz homem pelo outro. Ao mesmo tempo, as ideologias do momento, como o cientismo, sempre podem e tentam subverter os princípios de nossa humanidade, visando poder e lucro.

Um exemplo da ameaça está na clonagem humana. O problema não está em gerar-se uma pessoa idêntica à outra, como a mídia superficialmente apresenta a questão e a televisão delira explorando tudo, menos o essencial dessa hipótese. A humanidade já conhece muito bem os casos de duplicação genética nos gêmeos homocigóticos ou idênticos. A questão é outra. O clone de uma pessoa será seu irmão e simultaneamente seu filho. Uma ruptura do fluxo em cascata das

gerações, como na bela expressão de Tertuliano, com consequências inimagináveis para nossa humanidade. A clonagem é um incesto consigo mesmo. Um incesto ao quadrado! Quando alguém pratica o incesto é condenado, no direito, por crime contra

a genealogia. É igual na clonagem. Só que com muitos cúmplices a serem levados às barras da Justiça.

Ao proibir a clonagem humana, os países impõem limites

necessários às pesquisas e desvários de alguns cientistas. Em nome de uma ideologia cientista, que daria à ciência a liberdade de fazer o que quiser, eles reagem. E têm boa mídia. O marxismo-leninismo também prometeu e cativou com uma utopia igualitária comunista, onde todos os problemas sociais estariam resolvidos. Sabe-se os trágicos resultados de sua aplicação. Alguns cientistas - manipuladores de embriões e opiniões - também vendem sua utopia gênica, reparadora e sanitária anunciando que doenças serão curadas, bebês serão geneticamente perfeitos, acabará a dor e o sofrimento. Quando a ciência deixa de ser descritiva e explicativa, para tornar-se normativa, a sociedade deve reagir. Simplificando: não cabe à

ciência dizer como deve ser nossa sociedade. Cabe à sociedade definir a ciência e as pesquisas que quer³. Leis divinas, inscritas no ser profundo de cada um, clamam na defesa de nossa humanidade. Essa voz de Deus, na tradição judaica e cristã, deve ser ouvida. Às ameaças ao princípio de humanidade, deve-se responder como Pedro e João, face aos poderosos e autoridades de seu tempo: "Julgais vós se é justo, diante de Deus, ouvir-vos antes a vós do que a Deus?" (At 4,19).

(1) *O eugenismo nazista buscava o aprimoramento genético da "raça humana". Judeus, eslavos etc. eram considerados como sub-raças e deveriam ser eliminados. O mesmo ocorria com os deficientes físicos e mentais, sistematicamente esterilizados. Já os arianos eram considerados uma super-raça.*

(2) *Atitude ideológica segundo a qual a ciência dá a conhecer as coisas como são, resolve todos os reais problemas da humanidade e é suficiente para satisfazer todas as necessidades legítimas da inteligência humana e segundo a qual, os métodos científicos devem ser estendidos sem exceção a todos os domínios da vida humana. Muito em voga no século XIX, volta com força no início do XXI.*

(3) *O problema não está nas descobertas científicas mas nas aplicações e na ideologia delas derivada. O conhecimento científico deve ser defendido mas é fundamental distinguir sempre a ciência de sua ideologia.*

